



INSTITUTO DE HUMANIDADE – IH

BACHARELADO EM HUMANIDADES

IBU SADJO

**FULAS E MANDINGAS NA LUTA PELO PODER E CONQUISTA  
DO IMPÉRIO DE KAABU: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS  
(SÉCULO XVI - XIX)**

ACARAPE

2019

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA  
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA - UNILAB

INSTITUTO DE HUMANIDADES  
BACHARELADO EM HUMANIDADES

**IBU SADJO**

FULAS E MANDINGAS NA LUTA PELO PODER E CONQUISTA DO  
IMPÉRIO DE KAABU: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS (SÉCULO XVI  
- XIX)

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de bacharel em  
Humanidades na Universidade da  
Integração Internacional da Lusofonia  
Afro-brasileiro – UNILAB.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Artemisa Odila  
Cande Monteiro

ACARAPE / CE

2019

## **RESUMO**

Este trabalho procura compreender as lutas pelo poder e conquista do império de Kaabu entre Fulas e Mandingas nos séculos XVI – XIX, suas causas e consequências que culminou com o fim de um dos impérios Mandingas na África Ocidental, que ergueu a hegemonia Fula no Kaabu. Os Fulas e várias etnias por muitos séculos estavam convivendo juntos no Kaabu sob submissão dos Mandingas. A revolta por parte dos Fulas de Futa-djalon puseram o fim a hegemonia dos Mandingas no império de Kaabu.

**Palavras-chave:** Farins, Império Kaabu, Senegâmbia.

## SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	5
2 PROBLEMA	10
3 OBJETIVOS	12
3.1 Objetivo geral	12
3.2 Objetivos específicos	12
4 HIPÓTESES	13
5 JUSTIFICATIVA	14
6 REFERENCIAL TEÓRICO	15
6.1 Contexto histórico: a supremacia mandinga no império de Kaabu	15
6.2 A convivência étnica em Kaabu	22
7 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	28
7.1 Métodos de pesquisa	28
7.2 Técnicas de coleta de dados	28
REFERÊNCIAS	30

## 1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho visa compreender as lutas pelo poder e conquista do império de Kaabu desencadeadas pelas Fulas e Mandingas suas causas e consequências a partir do século XVI e XIX, de salientar que o império de Kaabu era uma província vassalo do império Mali, situado na Senegâmbia do sul que segundo Barry (1989), a Senegâmbia é uma área muito extenso formado através das curvas do rio Senegal, rio Gâmbia que nasceram nos planaltos do Futa-Djalón e deságua no oceano atlântico, situado na África ocidental estendendo até Saara das savanas e florestas. Hoje está vasta área compõe vários países como: Senegal, Gâmbia, Guiné-Bissau, Mauritânia, Mali e Guiné-Conakry. Esta área não tinha uma delimitação geográfica antes da colonização.

Segundo Mané (1988), o território de Kaabu era constituído por (4) quatro países atuais Guiné-Bissau, Gâmbia, Casamansa (Senegal) e Guiné-Conakry, na qual direcionamos o nosso estudo voltado a Guiné-Bissau dantes era uma parte do Kaabu onde hoje fica o capital de império de Kaabu na qual ocorreu a última batalha pela sua conquista que colocou o fim a hegemonia Mandinga no Kaabu. Conforme Cande Monteiro (2011), a Guiné-Bissau é um país com uma superfície no seu todo de 36.125 km, fica na costa do oeste africano fazendo fronteiras com Senegal ao norte e sul com a Guiné-Conakry, composto por continente que tem (8) oito regiões: Gabu, Bafatá, Oio, Bolama, Quinara, Tombali, Cacheu e Biombo e setor autónomo Bissau a capital, e de zonas insulares de arquipélagos dos Bijagós que tem 40 ilhas. A Guiné-Bissau tem dois climas quente e húmido que permitem a agricultura e pesca.

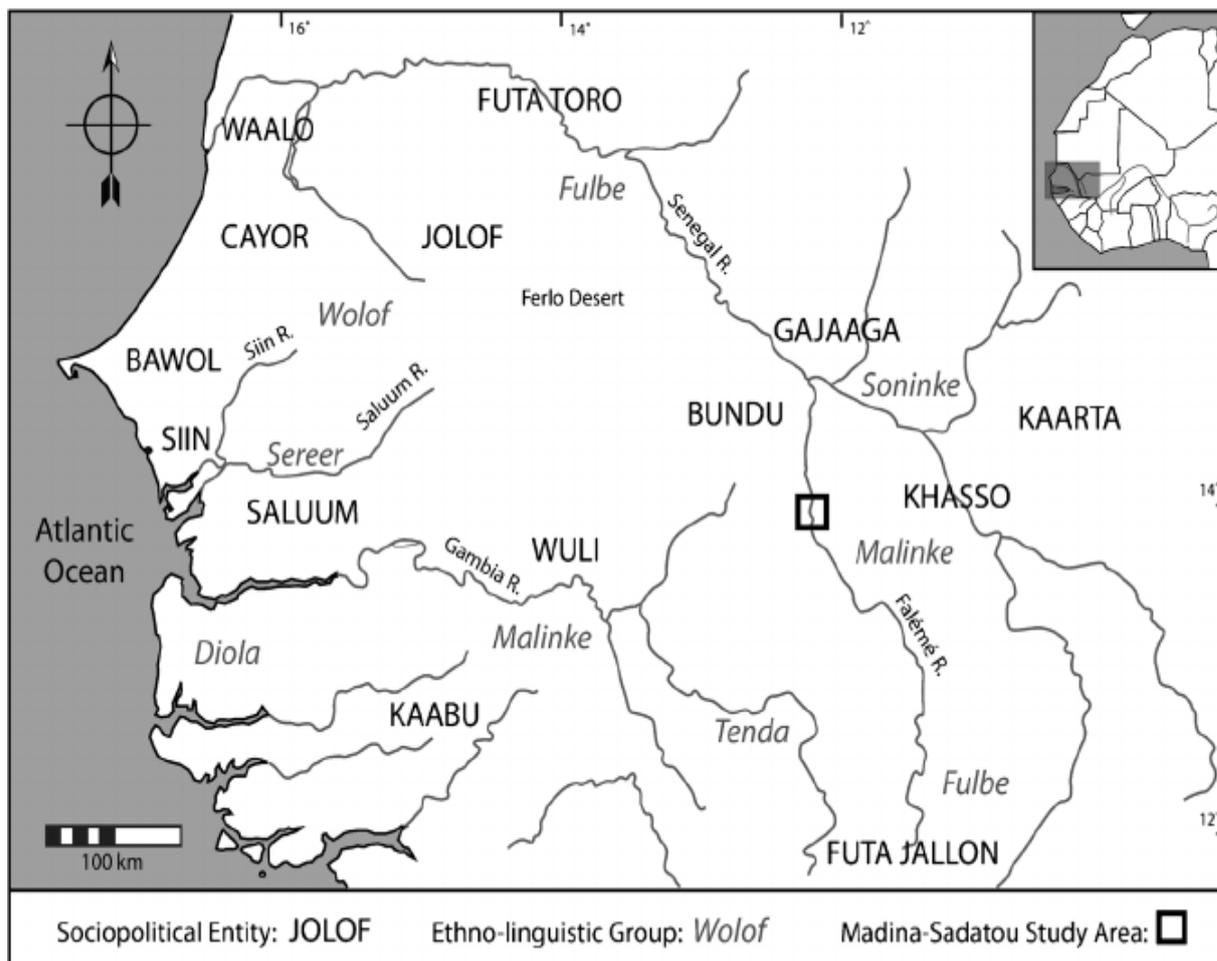
Conforme Lopes (apud Monteiro 2011), os dados estatísticos de população guineense feito em 2009, estima a população em 1.548, 159 mil habitantes e uma densidade de 33,22 habitantes por km, é mais povoado nas zonas rurais e é um país multiétnico composto por mais de (30) trinta grupos étnicos sendo os maiores grupos são: Balantas (27%), Fulas (22%), Mandingas (12%), Manjacos (11%), e papeis (10%) e os restantes constituem no total (18%).

Em virtude das crises surgidas no império de Mali que levou a sua decadência permitiu com que o Kaabu se tornar independente e transformando num império liderado por Mandingas que puseram vários grupos étnicos na sua submissão. Este trabalho vai discutir e tentar compreender como é que os Mandingas conseguiram

liderar o kaabu perante as outras etnias que ali viviam juntos, e como é que foram as convivências no Kaabu, por outro lado trataremos sobre os Fulas que tiveram um papel de destaque na Senegâmbia.

Entretanto é nesta perspectiva que pretendemos compreender todo esse processo que motivou o levante dos Fulas de Futa-djalon para acabar com a hegemonia Mandinga no Kaabu, para isso nesta primeira fase vamos apoiar nas referências bibliográficas a nossa disposição e que mais tarde faremos o possível para desenvolver futuramente este trabalho na medida em que contribua em reforçar os estudos previamente feitos por alguns pesquisadores que são extremamente importante. Utilizaremos método qualitativo para podermos coletar os dados, analisá-las e interpretá-las.

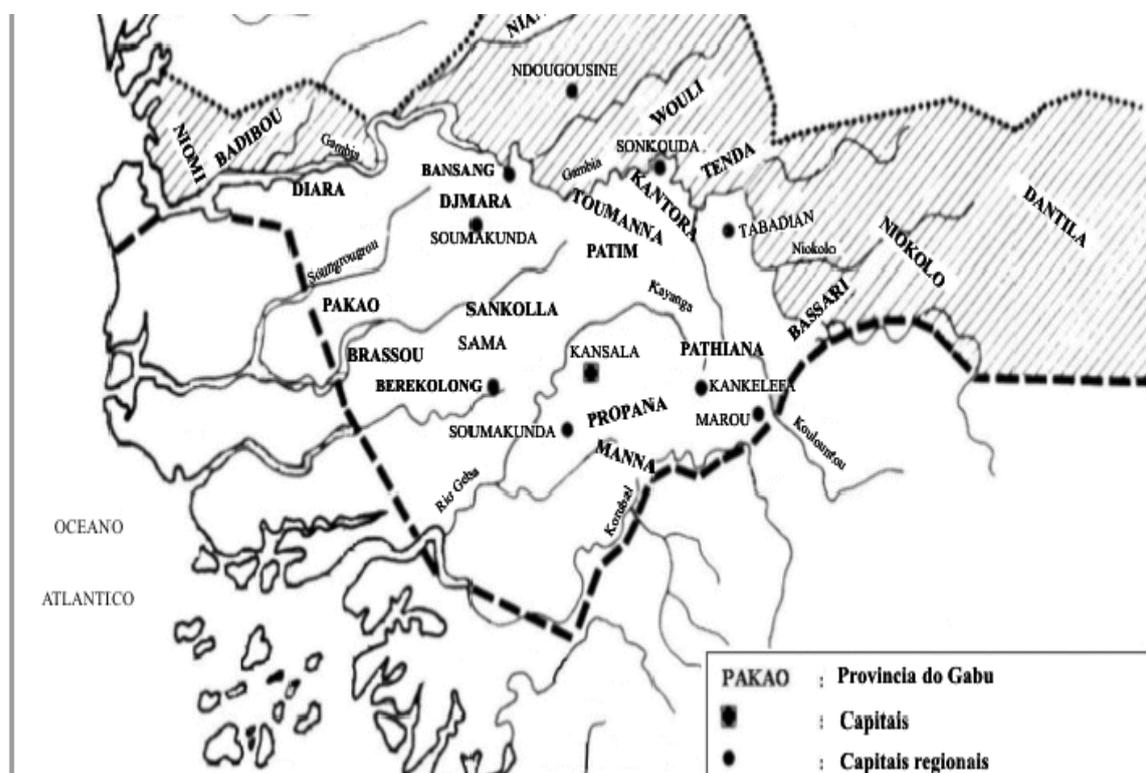
Portanto queremos aprofundar muito mais sobre a referida temática na qual faremos também uma pesquisa de campo onde vamos entrevistar os anciões no Gabu, a respeito da temática e a entrevista será semiestruturada na qual os entrevistados terão maior liberdade de expor o que souberam a respeito desta temática.



Disponível em: <https://bit.ly/2IXNcK6>. Acesso 03.03.2019



<https://bit.ly/2TuCHhq>. Acesso dia 03/03/2019



<https://bit.ly/2TuCHhq>. Acesso dia 03/03/2019

## 2. PROBLEMA

O Kaabu passou a ser um importante império, conforme Tall (1989), os conflitos levados a cabo entre os tuaregues e Songhai para conquistar o império de Mali enfraqueceu fortemente a economia do Mali, entretanto foi comércio que os portugueses faziam nas regiões costeiras que ajudou bastante o Mali na sua economia, levando as suas províncias ocidentais se destacarem no comércio e passaram a ser valorizadas.

Diante das afirmações acima colocadas, pretende-se questionar o seguinte: Até que ponto os interesses econômicos, políticos e religiosos influenciaram a luta pela conquista do império de Kaabu entre fulas e mandingas?

Conforme mostra Barry (1989), o comércio do ouro, marfim e dos escravos que se fazia no litoral africano, na Senegâmbia e nas ilhas de Cabo-Verde pelos portugueses no século XV e XVI, levou mudanças significativas na Senegâmbia das suas estruturas políticas e sociais, e da desintegração do Kaabu ao império do Mali situado no sul da Senegâmbia passando a ser o mais importante força política da região. Com base nisso, questiona-se: Será que os interesses europeus contribuiriam para que haja o conflito pelo poder e conquista de Kaabu entre fulas e mandingas no Kaabu?

Entretanto de acordo com PAIGC<sup>1</sup> (1974), as vantagens econômicas que os mandingas tinham através do comércio, sobretudo com os europeus fez com que, os Almamis<sup>2</sup> de Futa-djalón<sup>3</sup> se sentissem esse desejo o que os levou a procurar estratégias para poderem ter estas vantagens para isso, imputaram aos mandingas de que não eram muçulmanos, mas sim de animistas, com base nestas imputações entrarem na guerra santa contra os mandingas. Mesmo que estes já tinham sido muçulmanos, mais tarde os Mandingas passaram a associar a sua islão, e o Kaabu estava fragmentado na sequência dos conflitos internos.

Ainda o PAIGC, mostra que os Almamis de Futa-djalón e os alfa Mo labé<sup>4</sup> desencadearam ataques contra os mandingas no século XIX, mas não conseguiram atingir o seus objetivos que era conquistar o Kaabu, mas capturaram várias pessoas para

---

<sup>1</sup> Esta sigla significa Partido da Independência da Guiné e Cabo-Verde

<sup>2</sup> Segundo Djaló (2013), na hierarquia dos Fulas ocupam a primeira posição, são chefes religiosos e políticos.

<sup>3</sup> Segundo Djaló (2013), são um dos grupos dos Fulas chamados também de futa-fulas que haviam destruído o reino Mandinga de Gabu libertando os seus primos, os fulacunda ou fula forros da dominação Mandinga.

<sup>4</sup> Conforme PAIGC (1974) são chefes da província de Labé próxima do Kaabu hoje Guiné-Conacry.

serem escravizados e roubaram muitas riquezas dos mandingas. Entretanto por volta de 1867, desencadearam novos ataques até Kansala com o mesmo intuito de pôr fim ao regime mandinga.

Para tal questiona-se: como foram as reações dos Mandingas perante a invasão dos Fulas de Futa-djalon para pôr fim ao seu império?

Além disso, atualmente se vê na Guiné-Bissau um pouco de rivalidade entre fulas e mandingas, sobretudo no campo religioso, por outro lado se vê raro matrimônio entre ambos. Questionamos: Será que essas rivalidades vieram das repercussões na luta pelo poder e conquista do império de Kaabu?

Hoje uma parte deste território do império de Kaabu se situa na província leste da Guiné-Bissau, sobretudo a sua capital Kansala, onde decorreu a última batalha pela sua conquista. Hoje Kansala é visitado por muitos estudantes guineenses para conhecerem a história desta luta de poder e de conquista do Kaabu, por outro lado constatar em loco os vestígios deixados por este conflito, também ouvir relatos dessa luta através dos anciões.

### **3 OBJETIVOS**

#### 3.1 Objetivo Geral

Analisar as causas e consequências da luta pelo poder entre Fulas e Mandingas na conquista do império de Kaabu (século XVI à XIX)

#### 3.2 Objetivos Específicos

Compreender como se deu a supremacia dos Mandingas no império de kaabu;

Analisar a trajetória dos Fulas na Senegâmbia.

Descrever as relações de convivências étnicas no Kaabu.

## 4 HIPÓTESES

As províncias ocidentais do Mali na qual fazia parte o Kaabu, conforme Tall (1989) dispunha de chuvas, solos férteis que permitia uma boa prática agrícola, os rios enchiam por vezes dificultava os navios na navegação, dispunha também de selva na qual acontecia a caça que proporciona o comércio de marfim. Para Dias (2003), o Kaabu foi “uma unidade política maioritariamente animista até o 3º quartel do século XIX e uma das unidades políticas de dimensões importantes que mais tarde, na Senegâmbia, foram dissolvidas pelas potências coloniais”.

Conforme Djaló (2013), os mandingas ocuparam uma vasta área composta por diversos reinos, testemunhada por portugueses após a sua instalação no litoral do continente africano. Entretanto de acordo com Lopes (2005), os europeus instigaram o levante de diferentes grupos a entrarem em confrontos entre si, levando os Fulas de Futa-Djalon se rebelaram contra os Nhantchó<sup>5</sup>.

Entretanto, segundo Mané (1988), nos finais dos séculos XIII e início do século XIV, efetuou-se mudanças nas estruturas políticas do Kaabu chamado Nhantchoia, que afastou do poder alguns clãs mandingas deixando estes insatisfeitos. A partir da procura e análises destas informações levou-nos a chegar as seguintes hipóteses:

- 4.1 H1- Os interesses econômicos, religiosos e políticos levaram os Fulas de futa djalon a conquistarem o Kaabu.
- 4.2 H2 - Os europeus contribuíram para destituir o poder mandinga no Kaabu.
- 4.3 H3- Os conflitos internos contribuíram na decadência do império de Kaabu

---

<sup>5</sup> Conforme Mané (1988) são dois clãs Mandingas Sané-Mané que vão criar um mito no Kaabu que vai legitimá-los como únicas que podem ser rei no Kaabu.

## 5 JUSTIFICATIVA

O presente trabalho trata sobre a luta histórica entre Fulas e Mandingas pela conquista do império de Kaabu, hoje uma parte do território deste império é conhecido como a Guiné-Bissau. Fulas e Mandingas compõem o mosaico étnico em destaque na região. Nessa perspectiva, interessa-nos analisar os bastidores da luta e conquista deste importante império na África ocidental, a fim de compreender a lacuna deixada pela historiografia nacional.

O que me motivou a propor esta temática para o projeto de pesquisa de trabalho de conclusão do curso está relacionado com a forma que a sociedade bissauguineense descreve e relata a luta pela conquista de Kaabu por vias do senso comum, que muitas vezes traz enormes discussões da forma que as pessoas narram esta luta e apontam diversos motivos que nortearam o levante entre fulas e mandigas. Assisti várias discussões em torno desta temática, o que me inquietou muito e despertou o interesse em poder contribuir com um trabalho que visa compreender melhor esta luta.

Este trabalho visa trazer elementos que ajudarão para uma melhor compreensão de o porquê desta luta e mostrar quanto é perigoso o conflito étnico num país multiétnico como a Guiné-Bissau que até hoje é impactado de repercussões negativas. Por outro lado, este trabalho contribuirá também, em dissipar equívocos que permearam o contexto de Kaabu. Para a comunidade acadêmica servirá como um material à disposição dos futuros pesquisadores e estudantes, que terão apoio de um trabalho científico e posteriormente desenvolverem seus estudos e pesquisas.

No que se refere a sua contribuição no campo político, este documento auxiliará como um instrumento esclarecedor, permitindo assim, os autores políticos percebessem que os seus discursos são extremamente perigoso para um país multiétnico como a Guiné-Bissau, chamando-os atenção a desvincularem por completo com a fundamentação das questões tribais, que nos últimos tempos, tem sido uma prática muito frequente no campo político guineense e que está contribuindo significativamente para minar a coesão e as diversidades culturais étnicas que faz da Guiné um país multilinguístico e multiétnico onde todos vivam na harmonia, solidariedade e respeito no que cada um tem de contribuir para uma Guiné melhor.

## 6 REFERENCIAL TEÓRICO

A história do império de Kaabu se envolveu vários grupos étnicos. Ao longo destas sessões dialogaremos com os demais autores com vista a possibilitar o alcance dos nossos objetivos, como Mamadu Mané (1988), Carlos Lopes (2005) e Gonçalves (1961), e PAIGC serão principais para esta discussão. Ainda outras obras serão importantes para contribuir nas nossas discussões.

No entanto, Gonçalves (1961), afirma que houve mudanças políticas e religiosas devido a presença dos muçulmanos na África ocidental, o que possibilitou criação de novos reinos, onde o reino de Ghana, foi substituído pelo reino do Mali no século XIII, que também foi substituído pelo reino de Songhai. Assim os mandingas começaram a abraçar o islão altura que tiveram cooperação com o norte de África em diversas áreas, e o seu rei Kanku Mussa fez uma célebre peregrinação a Meca que ficou registrado na história do império Mali, na qual levou uma enorme quantidade de ouro.

### 6.1 Contexto histórico: a supremacia mandinga no império de Kaabu

Os mandingas se instalaram bem cedo por várias regiões, “quando chegaram os portugueses, os mandingas exerciam o seu domínio sobre a maior parte da região, da Gambia e Geba, e estavam organizados em vários reinos: Cantor, Niani, Uli, Cabu e Brasso”. (DJALÓ, 2013, p. 67). Conforme PAIGC (1974), os mandingas eram guerreiros, comerciantes e agricultores, provenientes do Alto Níger ocupando nos séculos XIII e XIV, uma vasta área desde o vale da Gambia, Sudão ocidental, Gabu e Cassamansa, também tinham o monopólio da costa da Gambia, do império de Mali e rio Geba no século XV. No entanto eles fundaram muitos reinos na qual estavam sob autoridade de Mansa do Mali, com uma estrutura social hierarquizada composto por nobres, homens livres, artesãos reagrupados em castas, ferreiros, entre outras e por último se encontra os escravos, foram islamizados por volta do século XIII.

Compreende-se que segundo este teórico e as fontes do PAIGC, acima supracitado todos eles realçam a importância do império do Mali da forma como os Mandingas conduziram a sua influência política por uma área enorme e consequentemente a sua aderência ao islão.

Segundo Gonçalves (1961), após o império do Mali se encontra no seu ponto culminante é que os Mandingas vão praticando o islão sem misturas de outras práticas aí se engajando na expansão do islão, convidando assim outros grupos para adesão ao islão. Porém os mandingas adotaram uma forma de islamizar baseado num islão africanizado tratava-se em fazer estes grupos seguirem os seus princípios religiosos e políticos denominados pelos alguns pesquisadores de mandinguização<sup>6</sup>.

Entretanto, o Kaabu teve sua história dividida em quatro fases conforme mostra Niane (apud Lopes 2005), nos interessa primeira e a segunda fase nesta primeira seção. O primeiro período do Kaabu foi o período em que viviam no Kaabu os Baynuk Balantas, Biafadas e Brames com suas tradições que vai até ao século XIII. Eram animistas e agricultores.

Ainda o autor mostra que a segunda fase foi um período na qual o Kaabu foi conquistado por mandingas através de Tiramakhan Traoré no século XIII, e estende até o final do século XVI e XVII. Trata-se de uma fase de muitos acontecimentos e de muita importância onde contou com Farin-Kaabu<sup>7</sup>, de surgimento dos Nhantchós, de troca de capital para Kansala, de contatos comerciais nas costas, e por fim de venda dos escravos.

Entende-se que os Mandingas já haviam sido convertidos no Mali e lá começaram a mandinguização sobre os grupos que estavam na sua submissão, e esta mandinguização será continuado no império Kaabu que adiante Mané vai mostrar que esta mandinguização é um pouco diferente com aquele do Mali e que vai contribuir na crise no Kaabu. Por outro lado constata-se que o Kaabu não era território Mandinga, mas sim foi conquistado.

No entanto segundo Mané (1988), mostra que foram os emigrantes mandingas do Mali que conquistaram o Kaabu desde o século XIII. Ainda Mané mostra que os mandingas se encontravam de uma forma muito reduzida na Senegâmbia no século XII, em relação aos nativos e eram súditos aos Muso-Mansa (reis rainhas) que ali exerciam o poder político, adquirindo os valores sócios, políticos e culturais dos nativos.

Ainda Mané afirma que os emigrantes mandingas estabelecidos em Kaabu no século XIII, acabaram de tomar o poder na mão dos seus chefes na Senegâmbia.

---

<sup>6</sup> Segundo Gonçalves (1961), ela é aceitação dos princípios religiosos e políticos dos Mandingas, conforme Mané (1988), ela é unidade cultural para impor a hegemonia Mandinga sobre outros grupos.

<sup>7</sup> Segundo Mané (1988), são governantes de províncias do império de Kaabu.

Contudo Mané não descarta a versão mais conhecida da conquista do Kaabu faladas por Mandingas que afirmam que o Kaabu foi conquistado por Tiramakhan Traoré. Por outro lado Mané mostra que o poder que era exercido no Kaabu não era bem consolidado e não tinha a simpatia dos Kaabunquês<sup>8</sup>, para tal levou a invenção de um mito chamado Nhantchó por parte dos Sané-Mané afastamento do poder alguns clãs mandingas nos finais do século XIII e início do século XIV, através de uma mudança estrutural chamado de Nhantchoia.

Segundo Leister (2012), os Mandingas, soninques, Balantas, Beafadas e outros grupos foram recebidos em Kaabu, na qual os Mandingas estavam islamizar estes grupos, através dos seus chefes e a maioria continuou agarrado nas suas crenças tradicionais, mais tarde passaram a converter ao islão associando com as suas crenças onde os Banhuns, Balanta-Mané e Cassangas comiam carne de porco e bebiam vinho práticas condenadas pelo islão.

Salienta-se que os dois teóricos acima citadas vão na mesma linha do pensamento no que se refere ao pertencimento do Kaabu aos grupos nativos, quanto a forma como decorreu a sua conquista Mané traz uma versão diferente mostrando que o Kaabu foi fundado por emigrantes Mandingas de uma forma pacífica tomando o poder na mão dos nativos, contudo realçou a versão contada de Tiramakhan Traoré. Para estes autores Barry (2000), Lopes (1988), Niane (apud Lopes 2005), e Abrantes (2018) todos são unânimes em afirmar que o Kaabu foi fundado por Tiramakhan Traoré amando de Sundiata Keita para estender o seu império.

Exposto tudo isso entende-se que Kaabu foi fundado por Tiramakhan Traoré através da sua bravura militar. No que se refere o mito criado no Kaabu chamado Nhantchoia nota-se que esta legitimidade no poder são simples interesses destes clãs Mandingas acima citadas que deviam zelar para coesão do seu império e não de golpes inventadas. Para Lopes (2005), “os escravos foram sempre uma das razões da expansão do Kaabu e nas guerras para os capturar desenvolveu-se a mestiçagem e o cruzamento de diferentes características culturais”.

Entre vários relatos que explica esta versão do mito dos Nhantchó escolhemos duas versões do Mané e Vellez (apud 1934 Abrantes 2018). Para Caroço (1934 apud Abrantes 2018) afirma que Tenem-ba e Cuntam eram filhas do rei de Mali,

---

<sup>8</sup> Segundo Mané (1988), são todos os grupos que viviam nos territórios de império de Kaabu.

na qual Tenemba fugindo de casamento levou-lhe a fugir junto com a sua irmã Cutam, assim o rei deu ordens para procurá-los.

Entretanto, para escaparem dos homens de rei esconderam em uma cova no Mampatim, mais tarde foi descoberto por um homem fula caçador de Patchana que noticiou ao seu chefe o viu. Comprovado o fato de seguida o chefe consultou um adivinho que aconselhou o chefe que as capturasse assim foram capturadas e levadas para aldeia do chefe oferecidas água e bebidas recusaram, isso constitui estranheza e preocupação ao chefe voltou de novo consultar o adivinho este o aconselhou de novo que não dessem nada a elas.

Assim elas foram aprisionadas por três anos, na cela da Tenem-ba foi descoberta que ela não estava aí sozinha que havia pessoas batendo as palmas, cantando e dançando, assim avisaram o chefe que correu rapidamente ao adivinho e o chefe foi dito para deixá-las em liberdade. Ao sair da cela Tenem-ba foi encontrado com três filhas que nasceram milagrosamente este acontecido deixou a aldeia admirada por outro lado alegre, as crianças foram dadas seguintes nomes: A mais velha Ufara, a segunda Cadjé e a mais nova Balaba-Tinquida. Entretanto a mais velha Ufara foi pedido em casamento por um rapaz da aldeia de Sama que onde foi avisado sobre como elas nasceram na cela passando 3 anos sem comer e beber e de abdicar daquele casamento, mas o jovem não deu ouvido a ninguém assim casou e teve uma filha, por outro lado as suas irmãs também casaram, Cadjé casou com rapaz de Djimara e Balaba Tinquida casou com um rapaz de Patchana.

Como consequência destes casamentos das filhas de Tenemba nas três aldeias originaram famílias que serão reis chamados de Nhantchó. Por seu lado Tenemba queria que suas filhas fossem chefes nas suas aldeias para isso fez uma estratégia na qual foi dar cumprimentos ao adivinho na aldeia de Propana onde casou com ele e nunca mais voltou, assim criou-se um mito de que o adivinho era o pai de suas filhas. E contou as suas filhas o que estava aprontando, com o tempo o adivinho se tornou cego e Tenemba aproveitou desta oportunidade para realizar o seu objetivo, no entanto despediu ao Marido que ía a Pirada e entregou-o a sua pulseira por sua vez foi retirar a pulseira onde o marido tinha guardado.

Depois de ter voltado solicitou que o marido que entregasse a pulseira, o que não foi encontrado por marido aí ela condicionou o marido que guardaria o segredo, mas o marido lhe daria o que quisesse, assim pediu ao marido que lhe desse a chefia de

Propana e foi dado pelo marido. Como chefe de Propana convocou uma sessão na qual tomaram parte suas filhas e todos os grupos que viviam naquelas aldeias fundou Kansala e estabeleceram normas para reinar e da sucessão do poder central, e Kansala como sede do governo por unanimidade foi aprovado assim para governar começa com descendentes da Tenemba da filha mais velha, de seguida da segunda e por último do mais novo e o chefe terá que nomear o seu primeiro ministro fora da sua aldeia.

Conforme Mané (1988), os Nchantchó foram gerados em Kaabu numa cova eram filhas de três mulheres sobrenaturais, a mãe era uma princesa mandinga filha do rei de Mali que fugiu do palácio e o pai era djin<sup>9</sup>, conhecidas como Balaba Tinkida, Ufara e Kani. Espalhados por diferentes territórios Balaba Tinkida permaneceram em Patchana, Ufara em Sama e Kani em Jimara. Estes três territórios foram legitimadas como as províncias dos Nhantchó e as demais províncias pertencem aos Koring (província dos guerreiros)

Ainda Mané mostra que os Nhantchó em pretexto dos nomes de Tiramakhan e Tenem-ba subverteram o poder no Kaabu na qual instauraram a linhagem matrilinear com o intuito de poderem prevalecer no poder e pertencer à aristocracia reinante seria necessário ter apelido Sané-Mané.

Por outro o autor mostra os Sané-Mané, não pertenciam mãe Nhantchó e com base neste mito que todos os outros clãs mandingas foram afastadas do poder e o capital deixou de ser Mampating passou para Kansala. Assim a maioria que foi afastada do poder insatisfeitos e refugiaram para outros territórios.

Nessas duas versões apresentados nos remete a um mito que foi sustentado a partir do Mali, por terem uma ligação ao corte do imperador. Conforme Lopes (2005, p. 13-14), afirma que:

[...] denotam diferenças importantes em relação à influência islâmica e patrilinear prevalecente no Mali, na altura do estabelecimento do Kaabu. Esta singularidade contribui sobremaneira para identificar no espaço de influência do Kaabu uma dinâmica religiosa e cultural diferente da do Mali, embora tomando emprestado deste o essencial da hierarquia e da estrutura social, incluindo a presença importante dos “nyamakala” e dos “dyula”. (LOPES, 2005, p. 13-14).

Vale salientar que o Kaabu era província de Mali, portanto, não podia ficar sem ter herança de Mali. Entretanto, devido às peculiaridades do espaço que se constitui

---

<sup>9</sup> Conforme Mané (1988) são gênio da natureza

o império de Kaabu influenciou bastante para introduzir certas práticas diferentes ao do Mali.

No que se refere os Fulas conforme Mané (1988), os fulas chegaram a partir dos séculos XIV e XV, recebidos por mandingas e passaram a conviver juntos no Kaabu, assim os mandingas cederam-lhes terras para poderem fixar com os seus gados na medida que eram nômades aí começaram a praticar agricultura e pecuária, passando a submeteram aos mandingas, contudo no início do século XIX, começaram a receber maus tratos por parte receptores Mandingas.

Para Cardoso (1988), os Fulas do futa-forros chegaram em Kaabu no século XV de um modo muito reduzido, já no século XVIII, chega a segunda vaga vindos com suas manadas. No entanto, conforme Djaló (2013), os Fulas constituem três categorias que são: os fulas-foros<sup>10</sup>, futa-fulas ou futa djalon e fulas pretos<sup>11</sup>. A nomenclatura deste último fulas-pretos conforme o autor foi pronunciado pela primeira por André Álvares de Almada em 1594, de acordo com a cor de pele que estes apresentam, e eram filhos dos antigos cativos dos futa-fulas ou futa-djalon e fulas-foros, se encontram nas regiões de Gabu e Bafatá. Ainda mostra que os Fulas são muitos diferentes cada grupo tem suas especificidades. Por outro lado afirma que:

A organização social dos fulas repousava inicialmente sobre os quatro clãs principais, cujo membros se identificam por um determinado nome de família. Assim, os do clã Djal-Djaló, usam o nome Diallo, Djaló ou Jaló, os do clã ururó, o nome de Baldé, os do clã Daêdjô, o nome de Bari e os do clã Péêdjô, o nome de sòh. (DJALÓ, 2013, p. 72).

Entende-se que são estes quatro nomes que os Fulas vão se identificando de acordo com os diferentes subgrupos que constituem este etnia. Ainda Djaló mostra que Mussidal<sup>12</sup> é que vai unindo todos os fulacundas<sup>13</sup> manifestando por lado do pai e da mãe, no que se refere ao lado do pai é mais privilegiado e compete ele exercer todas as funções políticas, quanto do lado da mãe não há nada que estes podem exercer e são privadas de todos os direitos.

---

<sup>10</sup> Segundo Djaló (2013), são um dos grupos Fulas conhecidos como fulacundas ou Fulas forros que significa livres da dominação Mandinga.

<sup>11</sup> Segundo Djaló (2013), Pertencem um dos três grupos dos Fulas, este grupo formou-se de diferentes grupos étnicos capturados na guerra santa, postos como cativos de dois outros grupos.

<sup>12</sup> Conforme Djaló (2013), Significa laços de parentesco, ou seja provenientes de um ancestral comum.

<sup>13</sup> Segundo Djaló (2013), este nome engloba os dois grupos dos Fulas, forros e pretos.

Por outro lado, segundo Djaló, eles viviam juntos numa morança<sup>14</sup> e têm como responsável máximo o chefe da família que é o pai. Também mostra a hierarquização no seio da sociedade dos fulas da Guiné-Bissau, na qual se encontra no topo os Régulos com os apelidos Embalo e Baldé que exercem o poder político, e abaixo figura os camponeses e os demais grupos de diferentes funções sociais que são: Agricultores que são a maioria composta por todas as classes; os tecelões todos estavam livres para realizar esta profissão; os pastores vistos como não civilizadas no Futa djalon por nobreza, vistos como cativos no Gabu; pescadores, Sapateiros, marceneiros ferreiros, os narradores da história, os alfaiates, bordadores de vestidos, os que ajudam os Régulos e por fim se encontra os segundos ajudadores .

Ainda Djaló mostra que no seio dos fulas da Guiné-Bissau, existem sobrenomes na qual as pessoas são identificadas de acordo com suas classes e funções que são: Os agricultores temos os Candé, os Baldé e Embaló são nobres, letrados Bari, os produtores: Buaró e Nhamadjo, os ajudadores dos chefes tradicionais e reis temos Seidi, pastoris Si, os tecelões: Ganó e Kassé e por último temos marceneiros Sòh. Ainda para o autor, a sua organização política está baseado na hierarquia através de uma organização político-religiosa que é composto por: Almami, Alfas, Régulos, responsáveis dos municípios e chefes de morança.

Compreende-se que a convivência entre Fulas, Mandingas e demais grupos no Kaabu era pacífica durante séculos, mas chegou um determinado momento em que houveram crises. Percebe-se que a sociedade Fula é patriarcalista e extremamente hierarquizada composto por diferentes classes na qual existe divisão das tarefas nestas classes onde nota-se que alguns são privilegiadas em detrimento das outras.

Conforme Tall (2010), os Fulas eram nômades e passaram a emigrar para outras áreas no século XIII, sobretudo foram para Futa-torro, Bundu, Macina e Futa-djalon à procura de zonas húmidas, eram obrigados a ser súditos dos nativos, com o tempo inverteram esta situação e passaram dominando os nativos aí Koly Tenguela e o seu filho que tornou celebridade fundaram no Futa-toro Estado teocrático fulbe.

Entretanto, o autor mostra que o Koly não era filho de Tenguela, mas sim o adotou segundo relatos das tradições orais do futa-toro, ele era filho de Sundiata Keita imperador do império de Mali, para o autor esta versão só tem por objetivo de unir essas

---

<sup>14</sup> Conforme Djaló (2013) são conjunto de famílias Fulas que constroem casas juntos e vivem juntos de forma patriarcal .

personalidades. Por outro lado o autor mostra que há uma divergência de opinião entre os autores na caminhada dos Fulas quanto a sua incursão na Senegâmbia onde enfrentaram os mandingas que controlavam vários reinos que os pagava tributos. Há os que defendem que caminharam de Futa-toro para Futa-djalón, para outros investigadores eles caminharam de Futa-djalón para Futa-toro. Assim devido o sucesso que os Fulas tiveram nestas lutas levou Koly se sedentarizar no futa-djalón devido às boas condições do solo que permitia os fulas pastar seus gados. Lopes (2005), entende que:

Entre vários grupos e interesses locais o que mais e destacava na contestação ao poder e influência Kaabunquê são os fulas. Desde as incursões dos Tenguelas únicos contestatários organizados da autoridade Kaabunquê eram os fulas. Com o desenvolvimento de um poder considerável pela confederação fula futa jalón, a partir do século XVIII, esta influência futaquê vai finalmente começar a ameaçar os mandingas e o seu domínio do Kaabu.

A soberania de Kaabu não poderia escapar às ameaças devido a sua a importância política que ele exercia sobre diversas áreas e as vantagens econômicas que ele tinha também, por outro lado coincidiu com a expansão dos Fulas na Senegâmbia através dos seus famosos guerreiros que vieram a parar no Futa-djalón fazendo fronteira com o Kaabu, na qual procuravam terras para sedentarizar.

No entanto, conforme Mota (apud Goncalves 1961) refuta que a progressão do islão numa determinada fase não está baseada fundamentalmente com os Fulas como se pensa mostrando que as ações expansionista do islão conduzidas pelos Fulas em todo o Sudão, foi graças às instruções que receberam por parte dos mandingas, dos cruzamentos dos fulas-jalof e dos Fulas-mandingas, que por seu lado mostraram os fulas quais proveitos que poderão ter através da guerra, isso levou os Fulas se fixarem e passaram a usufruir de proveito que esta guerra lhes dava.

Por outro lado o autor mostra que os Fulas dominaram os seus antigos chefes sob liderança dos almamis e desencadearam conflitos para submeter alguns grupos dos fulas não muçulmanos e de outros grupos, mais tarde o El- Hadj Omar se engajou para uma coesão de todos os Estados fulas, o que não foi possível dada a invasão colonial francesa que minou a constituição do império fula almejado por El- Hadj Omar.

## 6.2 A convivência étnica em Kaabu

O Kaabu era um império que está situado geograficamente favorável para diversos fins, conforme Mané afirma:

O Kaabu constituía este vasto espaço dominado pelos Mandingas, estendendo-se da Gâmbia, ao Norte, até aos confins da Guiné Conacry, ao sul, passando pela Guiné-Bissau, pela Media e Alta Casamansa. Era uma formação social de envergadura sub-regional, na encruzalhada de várias vias flúvias (Gâmbia, Casamansa, Geba, Corubal) ligando a costa atlântica ao interior Oeste Africano. Esta vasta extensão de acesso fácil que era o Kaabu, oferecia uma saída natural a todos os emigrantes orientais que queriam chegar à costa atlântica.

Compreende-se que o Kaabu era um império situado em perfeitas condições tanto terrestre como marítimo para o contato com diversos povos para a realização do comércio, em virtude das invasões coloniais ele hoje pertence a quatro países fazendo fronteiras uns aos outros e seus habitantes fragmentadas pelas fronteiras artificiais, mas antigamente eles viviam no mesmo espaço mantendo relações.

No entanto conforme Dias (2003), o Kaabu [...] “uma unidade política maioritariamente animistas até o 3º quartel do século XIX, uma das unidades políticas de dimensão importantes que mais tarde, na Senegâmbia, foram dissolvidas pelas potências coloniais.” No entanto, de acordo com Lopes (2005), as mudanças do comércio trans-ariano para o litoral e o comércio dos produtos interno do Kaabu possibilitou um enorme progresso do império de Kaabu, mas o que levou o Kaabu a ter um maior poder econômico foi o comércio dos escravos.

Por outro lado Lopes mostra que havia dualidade religiosa no Kaabu entre o animismo e islamismo praticadas sem nenhum obstáculo entre ambos, que mais tarde trouxe divergências que contribui no seu declínio. De fato segundo estes autores entende-se que a religiões no Kaabu não era dor de cabeça, pois havia tolerância religiosa que ao longo do tempo essa tolerância foi posta em causa, e vê-se a prática do comércio que dava muito lucro aos Mandingas no Kaabu.

Entretanto conforme PAIGC (1974), a partir do seu palácio em Kansala o Mansa<sup>15</sup> atribuía aos farins a responsabilidade de comandar as províncias do Kaabu e dava-lhes um boné como um símbolo de reconhecimento da sua autoridade nas províncias, cabia aos farins tomar providências necessárias na qual dava ordens para outros responsáveis como dos municípios e de Kanta-Mansa<sup>16</sup> para protegerem as

<sup>15</sup> Segundo Mané (1988), Significa rei em Mandinga

<sup>16</sup> Conforme PAIGC (1974), São guardas de rei do império de Kaabu.

fronteiras do Kaaabu. Os farins nas suas províncias dispunha de um palácio, dos soldados e dos tambores reais por outro lado eram consideradas de sub-reis e governavam por herança.

Por outro lado segundo PAIGC, compete ao Mansa a responsabilidade de oferecer a prosperidade, boa produção agrícola, defender a reino contra a invasão estrangeira e da doença, ainda o Mansa adivinhava perante o seu povo o que iria acontecer ao longo de todo o seu reinado no dia da sua coroação, e era uma figura sagrada que para o sucesso do reinado contava com o apoio dos príncipes reais, dos escravos reais, e chefes dos artesãos e das castas. Entretanto quando o império se encontra numa situação de invasão o Mansa mobilizou todos os soldados dos farins e os homens livres para compor a cavalaria e defender o reino face às ameaças. Entende-se que o Mansa do Kaabu era uma figura muito importante que não tinha só um poder político, mas também cabia ele conduzir o destino do seu povo e do seu império para o bem estar social.

Conforme Gonçalves (1961), afirma que a Mandinguização levado a cabo por mandingas não foram aceite por estes grupos como: Felupes, Baiotes, e alguns grupos foram atingidos como os Balantas e Fulas que estavam sob dominação dos Mandingas foram em parte islamizadas. Por outro lado Goncalves mostra que todos os islamizados julgam que são superiores do que os animistas.

Entretanto de acordo com Lopes (2005), as vantagens europeias incentivaram as organizações políticas e alguns grupos no sentido de se tornarem independentes e fez com que as autoridades de Futa-Djalon se rebelaram contra os Nhantchós.

Para Mané (1989), a queda de Kaabu está ligado aos conflitos no seio dos Mandingas como também dos outros fatores que vieram além da fronteira, também ele aponta dois fatores principais que causaram a instabilidade sócio-política e econômica no Kaabu, primeiro é o comércio europeu no atlântico que levou o comércio para as costa e fez com que alguns reinos que estavam na tutela do Kaabu se desmembrou e passaram a criar rivalidades entre ambos.

Como segundo fator Mané aponta o crescimento do islão que dava rentabilidade econômica e que por outro lado trouxe disputas entre as províncias Nhantchó no Kaabu, o que levou a morte do Ghalen Sonko um grande guerreiro Mandinga e mais conhecido do Kaabu no século XIX. A sua morte teve como

consequência a fraca proteção da integridade territorial do Kaabu que estava na cobiça dos Fulas de futa-djalon.

Por outro lado, Mané aponta também como um dos fatores que também fez parte da queda do Kaabu foi a Mandinguização que era um método conduzido por Nhantchós para subjugar todas as etnias que se encontram no Kaabu dando-os uma independência política reinos em função deste método, a mandinguização teve influências em alguns grupos étnicos como também não teve em alguns grupos pequenos que viviam nos subúrbios. Os que tiveram influência da mandinguização são: Beafadas, Padjadincas e Balantas este último muitos deles tornaram Mandingas e os que não tiveram são: Manjacos, Mancanhas, Papeis e Djolas porque viviam nos subúrbios e eram em número muito insignificante e não constituíam ameaças a soberania do Kaabu, como também os Fulas não foram atingidos apesar de viviam juntos com os Mandingas nas cidades.

Ainda Mané mostra que os Fulas nunca aceitaram para serem dominados sócio-culturalmente e mantendo a sua língua, casavam entre si em geral agarraram a sua identidade apesar de serem governados por Mandingas. Entretanto os mandingas discordavam com os fulas na medida eles rejeitavam a assimilação Mandinga, porém queriam dominá-los culturalmente do jeito que dominaram outras etnias, o que os fulas refutaram assim eles começaram no final do século XVIII e início do século XIX a oprimir, zombar, roubavam gados dos fulas e seus produtos agrícolas no campo, com o intuito de fazer-lhes pressão obrigando-os a aceitar a sua dominação cultural o que deixou os fulas em estado de angústia.

Constata-se que as convivências no Kaabu por diferentes grupos étnicos chegou um tempo em que não eram melhores como Mané mostra na citação acima que as divergências começaram com os próprios Mandingas e os fatores externas vieram agudizar a crise, quanto a mandinguização vê-se duas perspectivas entre os autores acima supracitadas Gonçalves e Mané, quanto alguns grupos não mandinguizados perante isso entende-se que há pouca interesse em mandinguizar estes grupos por serem grupos minoritários na medida que não causavam medo aos Mandingas politicamente.

Para Cardoso (1988), a decadência do Gabu está ligado a três motivos: como primeiro ele aponta o conflito no seio do Nhantchó que teve lugar em princípio do século XIX, em virtude deste conflito levou a fragilidade do poder central e fortalecimento dos farins, trouxe o conflito de vários caracteres, como familiar entre

Sané e Mané e provincial entre Cantora, Sankolla, Tumana, Woropana e Djimara. Segundo motivo foi a inquietação dos Fulas sobre os abusos que sofriam por parte dos mandingas solicitaram ajuda aos seus parentes Fulas de futa-djalon, que decidiram destituir o regime mandinga tomando como pretexto o jihad. Como terceiro Cardoso aponta que este foi o principal para o declínio da Kaabu que era as vantagens econômicas que os Mandingas usufruíram através do comércio com os europeus no Kaabu, e uma mão de obra escrava que o Kaabu oferecia levou os almamis de Futa-Djalon, a desejarem ter todas estas vantagens. No entanto, de acordo com Hecquard (1853 apud, Abrantes 2018), mostra que os Fulas pastores que conviviam com os mandingas no Kaabu eram alcoólatras e nos momentos dos conflitos eram maltratados pelos seus parentes de futa-djalon.

Constata-se que os Almamis de futa-djalon se entrarem em jihad por várias razões quer econômicos religiosos e políticos. Para Gonçalves (1961), tanto mandingas como os fulas tinham alguns animistas nesse caso os Fulas de Pirada alguns eram convertidos ao islão e outros eram adoradores de ídolo. Ainda Goncalves afirma que no islão fula existe animismo, pois solicitaram adivinho quando queriam fazer algo.

Entretanto de acordo com Lopes (2005), as vantagens europeias incentivaram as organizações políticas e alguns grupos no sentido de se tornarem independentes e fez com que as autoridades de Futa-Djalon se rebelassem contra os Nhantchós. Conforme Hawkins (1980 apud Abrantes 2018), os fulas-djiábé<sup>17</sup> eram cativos dos Fula- rinbé<sup>18</sup> e foi na liderança de Alfa Molo no fuladu<sup>19</sup> que este tomou a iniciativa de juntar todos os seus parentes e seus senhores para se rebelaram contra os mandingas animistas no firdu o que não sucedeu. Entretanto ele teve ajuda de alguns mandingas nesse caso N’fali Dahaba de Sumacunda e Jali Namba, que juntou com outros mandingas muçulmanos de Kaabu para combater os mandingas não muçulmanos. Por outro lado Hawkins mostra que houve guerras no fuladu entre estes dois grupos de fulas acima supracitadas onde os Fulas rinbé não aceitarem o comando de Alfa Molo no poder por ser cativo deles.

Compreende-se que os europeus estão por detrás nas lutas pelo poder e conquista do Kaabu conduzidas sob liderança dos Fulas cativos que teve disputas entre os fulas pelo poder no futa-djalon como também aconteceu em Kaabu entre os

<sup>17</sup> Conforme Djaló (2013), São conhecidos também como Fulas pretos os cativos.

<sup>18</sup> Conforme Djaló (2013), São Fulas de futa-djalon.

<sup>19</sup> Conforme Djaló (2013), São áreas povoados só por Fulas.

Mandingas, que mais tarde os Fulas de futa-djalon se uniram e aliaram com os Mandingas muçulmanos do Kaabu para combater os Mandingas e Fulas animistas. No entanto conforme Jao (2002 apud Cardoso), os Fulas tinham como propósito de deixar de ser governado e parar de pagar impostos e passando a ser também governadores. Entretanto de acordo com Lopes (2005), as vantagens europeias incentivaram as organizações políticas e alguns grupos no sentido de se tornarem independentes e fez com que as autoridades de Futa-Djalon se rebelaram contra os Mandingas. Ainda Lopes (1988), afirma que o Janké Wali, foi o último rei do Kaabu e era um animista que fez da última guerra que foi na Kansala como uma resistência contra os muçulmanos invasores.

Para Cardoso (1988), não há mais nada que o Kaabu podia fazer se não agarrar nas armas, houve séries de batalhas para pôr fim ao império de Kaabu, na primeira metade do século XIX, por parte dos Almamys e os Alfa- Mo Labé, assim nos anos de 1865 em Kansala o Kaabu foi demolido por Almamy Oumarou perante a resistência feroz de Dianke Wali no célebre Tourban-Kello<sup>20</sup>explodindo o Kansala na qual morreram todos os que estiveram dentro de Kansala tanto os Fulas como os Mandingas o que levou os mandingas se espalharem para Cassamansa e Gâmbia. Assim os Fulas anexaram o Kaabu como província de reis fulas até por volta da dominação colonial.

Segundo PAIGC (1974), os Fulas e Mandingas viviam nas costas e eram povos unidos a língua faladas por elas são provenientes de Nigero-Congolesa. As suas divergências e revolta entre ambos foi devido o colonialismo português que classificou certos tribos de grau elevado e outros de grau menos elevado para escravizar este último, mais tarde acabando por escravizar todos eles.

Vale salientar que o fim de Kaabu contou com um conjuntos de interesses de diferentes entidades que já vimos que levou-o a declinar com uma resistência de Janké Wali face a sua derrota que levou os Fulas a ter a hegemonia do Kaabu deixando de ser mais os súditos dos Mandingas.

---

<sup>20</sup> Segundo Abrantes (2018), Significa em Mandinga guerra para não restar a geração.

## 7 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### 7.1 Métodos de pesquisa

Este trabalho é de caráter bibliográfico, pois compreende-se, que, este tipo de pesquisa nos possibilita um diálogo maior com outros documentos já publicados. Conforme (INDAMI, 2017) “este tipo de pesquisa não é uma mera repetição dos dados que podemos recolher de vários autores que trataram sobre o assunto a ser pesquisado, mas é muito mais do que isso”, a nossa recolha de dados ela vai possibilitar uma nova construção do modelo teórico, permitindo assim, as análises destes documentos. Segundo (GIL, 2010. p. 29), “a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações de mestrados e anais de eventos científicos”. Neste mesmo diapasão, os dois teóricos pesquisadores (MARCONI & LAKATOS 2010), acrescentaram que, a pesquisa bibliográfica nos permite estabelecer uma ponte entre os teóricos.

O método que vai ser utilizado para a realização deste trabalho é, o método qualitativo, na qual vai nos possibilitar uma análise profunda dos dados recolhidos dos diferentes autores, como afirma Creswell (2010), segundo este pesquisador, o método qualitativo é aquele que traz uma clareza nas coletas, análises e interpretação dos dados a partir de uma forma mais clara, lembrando ainda que esta qualificação dos dados vai ser um caminho para encontrar os resultados.

### 7.2 Técnicas de coleta de dados

Para a realização desta pesquisa utilizaremos a técnica da entrevista semiestruturada, conforme Lakatos (2010) trata-se de entrevista, que mantém a liberdade de colocar outras questões além de predefinidas que eventualmente poderá surgir no decorrer da entrevista. Para isso faremos uma pesquisa de campo em Gabu hoje província leste e região da Guiné onde situa Kansala antigo capital do império de Kaabu, local onde decorreu a última batalha para a conquista deste império por parte dos Fulas de futa-djalon, será onde aplicaremos a nossa entrevista semiestruturada com

os anciões que de certa forma têm conhecimento a respeito desta temática. Com o intuito de enriquecer mais o nosso trabalho Segundo (MARCONI & LAKATOS, 2010. p. 178), a entrevista “[...] É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta dos dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social”, espera se com esta técnica, conseguiremos desenvolver o nosso trabalho. Nesta primeira fase deparamos com muitas dificuldades, sobretudo no que se refere às bibliografias sobre a temática na qual pretendemos pesquisar futuramente a qual nos possibilitará toda a compreensão de como brotou essa história que faz parte da nossa sociedade.

## REFERÊNCIAS

ABRANTES, M. P. A. de Bivar. Kaabu, **História de um Império do início ao fim**. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. p.162 . SP- Campinas. 2018.

BARRY, Boubacar. **A Senegâmbia do séc. XV ao séc. XIX: INEP-Revista SORONDA Em defesa de uma história sub-regional da Senegâmbia**. Comunicação apresentada ao seminário metodológico regional sobre Quelle histoire pour l'Afrique de demain. Realizado 17 a 21 sob os auspícios da UNESCO e CCODESRIA. p. 3-21. Ndjamena 1989.

CANDÉ MONTEIRO, A. O. **Guiné Portuguesa versus Guiné-Bissau: a luta da libertação nacional e o projeto de construção do estado guineense**. A Cor das Letras (UEFS), v. 12, p. 246, 2011.

CARDOSO, Carlos. **O ISLÃO NA ÁFRICA SUBSARIANA: As tendências atuais na Guiné-Bissau**. Actas do 6 Colóquio Internacional Estados, Poderes e Identidades na África Subsariana. Realizado, no dia 8 a 10 maio Faculdade de Letras. p. 57-74 Portugal-Porto 2003.

\_\_\_\_\_ **CONFLITOS INTERÉTNICOS: Dissolução e reconstrução de unidades políticas no rio da Guiné de Cabo Verde (1840-1899)**. INEP-Revista SORONDA. Comunicação apresentada na reunião internacional de história da África IICT- centro de estudo de história e cartografia antiga. p. 31-62. -Lisboa 1988.

LOPES, Carlos. **O Kaabu e os seus vizinhos: uma leitura espacial e histórica explicativa de conflitos**. Revista Afro-ásia. p. 9-28. UFBA- Brasil Bahia 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/770/77003201.pdf>. Acesso no dia 04 de Março de 2019.

\_\_\_\_\_. **As Resistências Africanas ao controle do Território: Alguns casos da costa da Guiné no séc. XIX.** INEP-Revista SORONDA. Comunicação apresentada na reunião internacional de história da África IICT- centro de estudo de história e cartografia antiga. p. 5-16. Lisboa 1988.

CRESWELL, Jhon W. **projeto de pesquisa** : tradução Magda Lopes; consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição Dirceu da Silva . 3. Ed.- Porto Alegre: Artmed, 2010.

DIAS, Eduardo Costa. **O ISLÃO NA ÁFRICA SUBSARIANA: Identidade Muçulmana Kaabunke. Um processo de construção indenitária sui generis na Senegâmbia.** Actas do 6 Colóquio Internacional Estados, Poderes e Identidades na África Subsariana. Realizado, no dia 8 a 10 maio Faculdade de Letras. p. 57-74 Portugal-Porto 2003.

DJALÓ, Tchernó. **O Mestiço e o Poder: identidades, dominações e resistências na Guiné.** 2 edição. Editora- Nova Veja, Lda. ISBN 978- 972- 699- 995-9, p. 289, Lisboa 2013.

GIL, Antonio Carlos, 1946- **Como elaborar projeto de pesquisa/** Antonio Carlos Gil. – 5. Ed.- São Paulo: Atlas, 2010.

GONÇALVES, José Júlio. **O islamismo na Guiné Portuguesa (Ensaio sociomissionológico)** Assistente de instituto superior de estudos ultramarinos, membro do centro de estudos da Guiné Portuguesa. p. 222. Portugal Lisboa 1961.

INDAMI, Piter, **A Cooperação Brasileira com Países do Sul: O caso da Guiné-Bissau no plano sociopolítica.** Monografia (trabalho de conclusão de curso), Universidade da Lusofonia da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB/CE p. 60. CE, 2017.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica.** Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. -7 ed.-São Paulo : Atlas, 2010.

LEISTER, F.C. **Um prefácio a povo da Guiné-Bissau: O boletim cultural da Guiné portuguesa (1945-1973)**. São Paulo 2012. <https://bit.ly/2UsG6Pl>. Acesso no dia 09-03-2019.

PAIGC, **História da Guiné e ilhas de Cabo Verde**. Editora Afrontamento Lda. p.182, Portugal- Porto 1974.

TALL, Madina Ly. **História Geral da África**. Cap. 7. O declínio do Império do Mali. 2 ed. V. IV ISBN: 978-85-7652-126-6. rev. Brasília. P. 209. UNESCO- Brasil 2010.